

RESENHAS

PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2012. 115p. ISBN 978-85-65339-08-7

Recebido em 19/02/13 - Aprovado em 20/04/13

Marcos José Diniz Silva ¹

Nos meses finais do ano de 2012, chegou às livrarias mais um livro sobre o Espiritismo. Desta feita de caráter introdutório e da lavra do conceituado sociólogo da Universidade de São Paulo, Reginaldo Prandi. A obra é oportuna por trazer uma abordagem sócio-antropológica da formação e desenvolvimento do Espiritismo, exatamente quando se difundem novos censos e mapas religiosos do Brasil atual, em que essa denominação se mantém como a terceira opção religiosa dos brasileiros.

É, pois, sempre bem vindo todo estudo que venha ampliar os conhecimentos de leigos e estudiosos sobre essa doutrina, “sistema religioso”, movimento cultural ou “teoria da comunicação generalizada” denominado Espiritismo. (Cf. CAVALCANTI, 1983; AUBRÉE & LAPLANTINE, 2009). Todavia, cada novo estudo é mais uma interpretação, trazendo elementos novos, desfazendo incompreensões ou instaurando e reforçando equívocos ou nuances questionáveis. É nessa perspectiva crítica que pretendemos considerar a referida obra.

Estruturado em oito capítulos, em texto claro e fluido, com ilustrações bem selecionadas, o livro *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo* permite uma boa introdução a um tema ainda pouco estudado pela academia e marcado por incompreensões e preconceitos por boa parcela da população brasileira, descontadas as perseguições e ataques desferidos por grupos religiosos majoritários, no passado e no presente, contra ideia e prática espíritas.

No primeiro capítulo, “Os vivos e os mortos, espíritos e espiritismos”, o autor apresenta uma didática introdução à questão das origens das religiões organizadas, demonstrando que a crença nos espíritos as precede. Assim,

¹ Professor Adjunto do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC (Quixadá-Ce), da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Doutor em Sociologia (UFC). E-mail: marcosjdiniz@oi.com.br

Talvez a religião tenha surgido no momento em que o homem se convenceu de que há um espírito em tudo e que é possível estabelecer algum tipo de relação com ele, em benefício, evidentemente, da humanidade. (...) O homem ofereceu a eles tudo o que é capaz de produzir, as coisas que são essenciais à vida: em primeiro lugar, água e comida; depois, diversão, como música e dança; por fim, submissão, na forma de lei, tabu e prece. (p.8)

Discorre, também, sobre o lugar da morte como razão de ser da religião, mais que a vida. Sobre nossa necessidade de respostas a respeito do destino futuro, cabendo à religião o monopólio das respostas sobre a existência ou não do mundo espiritual e de sua descrição. Nesse terreno, o autor faz referências aos modos como as tradições religiosas ocidentais, de matriz judaico-cristã, como outras, tais como candomblé e Espiritismo explicam essa realidade.

O autor conclui o capítulo fazendo menção às manifestações espirituais ocorridas em 1848, nos Estados Unidos, nos quadros de emergência do chamado *movimento espiritualista* e sua difusão na Europa, aproximadamente uma década depois, por Allan Kardec, sob a denominação de *espiritismo*.

Aqui, Prandi inicia o uso de termos como “espiritismos” para diversas correntes religiosas que se utilizam do transe mediúnic, como o fará com kardecismo/kardecista para designar Espiritismo/espíritas. São designações problemáticas que o autor insiste em utilizar em prejuízo da historicidade e identidade religiosa dos grupos e movimentos envolvidos. Embora seja recorrente esse uso ao logo do livro, adiantemos que, no caso dos fenômenos de 1848, em Hydesville, não se tinha Espiritismo. Portanto, o título do primeiro capítulo já não poderia trazer a expressão “espiritismos”. Algo plausível e até compreensível se usado para desdobramentos religiosos após a codificação espírita por Allan Kardec.

No segundo capítulo, “Um caso primordial contado pelo mestre do mistério policial”, o autor trata desses eventos espiritualistas que se iniciam na casa da família Fox, na citada localidade de Hydesville, no Estado de Nova York. O destaque é para o uso do texto de Arthur Conan Doyle, *A história do espiritualismo*², de 1926, como referência básica. Pelo tom de mistério policial, pelo caráter detetivesco e por ter sido o criador de Sherlock Holmes adepto do espiritualismo (espiritismo à moda anglo-saxã), o capítulo se torna atrativo e instrutivo.

O terceiro capítulo, denominado “Allan Kardec e a doutrina da vida além-túmulo”, apresenta Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), depois Allan Kardec, como aquele que irá operar um corte na variada tradição espiritualista, marcada pelas manifestações físicas e inteligentes dos espíritos, em grande parte para diversão de

² Cf. edição brasileira: DOYLE, 2004.

plateias e para atender à curiosidade e interesses materiais privados. Pois, até então, o espiritualismo “estava longe de ser pensado como alternativa religiosa”. (p.35)

Ao se referir à obra de codificação do Espiritismo, por Allan Kardec, Prandi traz algumas especulações sobre a adoção desse pseudônimo de modo a insinuar seu papel de “fundador” do Espiritismo. Embora o século XIX tenha sido pródigo em seitas, especialmente nos Estados Unidos e Europa, com muitos autoproclamados profetas, enviados e escolhidos, e seus séquitos, nos meios cristãos, esotérico-ocultistas, transcendentalistas ou espiritualistas, não se encontram nem no pedagogo Rivail, nem codificador Kardec, nenhum elemento que possa assemelhá-lo a um fundador de religião. E assim, finalizando o capítulo, o autor indica que o “kardecismo aqui se transformou em religião” (p.44)

No quarto capítulo, “O kardecismo no Brasil, o começo e a forma”, o autor descreve um bem articulado panorama da chegada das ideias espíritas, na segunda metade do século XIX, a formação dos primeiros grupos, a adesão da elite letrada, sua popularização, o duro ataque da Igreja católica, a fundação da Federação Espírita Brasileira, certos embates internos entre os adeptos mais identificados com os aspectos científicos e filosóficos e os chamados “religiosos”, que pontificavam a força do Evangelho e da caridade. “No desenho da nova religião, vão sendo definidas as linhas básicas: curar, estudar, praticar caridade e, sobretudo, trazer consolo e conforto espiritual aos que sofrem...” (p.52) Ressalte-se nesse aspecto, porém, a não consideração de que essa mutação do Espiritismo em nova religião, de caráter cristão, não se deu de modo natural, mas sim num processo de legitimação marcado por confrontos e perseguições policiais, religiosas, médico-sanitárias movidas pelas autoridades e pelo clero católico amparados no Código Penal de 1890. (Cf. GIUMBELLI, 1997)

Permeando o texto o autor prossegue no uso de “kardecismo”, “espiritismo kardecista”, “seguidores de Allan Kardec”, muito embora não tenha havido no Brasil essa prática entre os espíritas de se proclamarem kardecistas, como podem fazê-lo com mais propriedade os budistas, cristãos, maometanos... Há registros de certos casos desse uso por espíritas em situações específicas, como nas primeiras décadas do século XX, frente ao termo “baixo-espiritismo” e seu estigma racista e de contravenção, ou no quadro das apropriações de elementos doutrinários espíritas por umbandistas.

O quinto capítulo, denominado “Kardecismo, uma religião brasileira”, estampa carga maior à ideia-força do autor em direção ao suposto caráter profético ou sectário em torno da pessoa de Allan Kardec, muito embora não demonstre em parte alguma do texto, algo que configure esse “kardecismo” em terras brasileiras.³

Em termos de conteúdo, trata da expansão dos grupos espíritas e de suas redes filantrópicas, no contexto das primeiras décadas do século XX, quando não havia

³ Conferir em Santos (1997), valioso trabalho, introdutório e paradigmático, sobre o Espiritismo no Brasil, que não utiliza a problemática designação “kardecismo”.

um Estado previdenciário-assistencialista. Nesse sentido, merece destaque a ampla rede espírita de escolas, hospitais, orfanatos, manicômios e asilos. Porém, a prática espírita também se fazia nos estudos, curas espirituais e experiências com fenômenos de materialização, ainda frequentes até pelo menos a década de 1950.

O destaque, é claro, fica para a atuação do médium mineiro Francisco Cândido Xavier (1910-2002) e seu caráter de “mediador” no campo religioso brasileiro, a partir da década de 1930, conformando o Espiritismo como doutrina cristã, voltada à caridade e em consonância com alguns valores seculares do catolicismo brasileiro. Basta lembrar que, embora um ícone espírita, Chico Xavier não negava suas raízes católicas, considerando o Espiritismo apenas um elemento de progresso em sua religiosidade (p. 71). O autor também descreve as sessões espíritas, o relevante papel da leitura, dos romances psicográficos e a presença contemporânea da cultura espírita nas diversas mídias, especialmente o cinema.

No sexto capítulo, “Cura da alma, cura do corpo”, Prandi dá uma aula de filosofia, moral e fenomenologia espírita, sintetizando seus princípios básicos como a prática da mediunidade, evolução espiritual, curas, caridade, a importância de Jesus, a história do famoso médium de cura José Arigó, diversas vezes preso nos 1950 e 1960, que se dizia instrumento do espírito dr. Fritz e os trabalhos e a popularidade dos médiuns curadores João Berbel, em Franca-SP e João de Deus, em Abadiânia- GO, nos dias de hoje.

O sétimo capítulo, “Espiritismo de umbanda, outra religião brasileira”, é dedicado ao desvendamento das afinidades mediúnicas entre a prática espírita e as formas de transe nas religiões afro-brasileiras, como candomblé e umbanda. Aqui, a maestria do autor revela mais uma vez sua especialidade, como profundo conhecedor do universo religioso afro-brasileiro. Distingue espíritos, guias, caboclos, orixás, suas funções, hierarquias e relações. Também chama atenção para o gradiente de práticas sincréticas dessas, diríamos, “religiões mediúnicas”⁴, e não “espiritismos”, que vão de um centro espírita (“kardecista”) mais próximo ao modelo fundador francês até um terreiro de umbanda mais afinado com as tradições africanas.

No oitavo e último capítulo, “Os espíritas na sociedade brasileira”, Prandi faz um balanço do lugar da religião e do pertencimento religioso e “não religioso” na secularizada sociedade contemporânea, destacando o peso das escolhas pessoais nos processos de conversão. Quanto aos espíritas, o autor discute a tendência destes a uma identificação preferencial com o cristianismo, e menos com as chamadas religiões mediúnicas, caso da umbanda e do candomblé. E, por último, trata do Espiritismo e seus adeptos no aspecto socioeconômico, sinalizando os dados do IBGE que confirmam os

⁴ Nesse enquadramento conceitual, Isaia (2006), por exemplo, desmitifica historicamente um imaginário católico que generalizava como *espiritismos* todas as práticas e fenômenos mediúnicos. Estratégia discursiva essa que teve vida longa, para além do campo religioso.

espíritas como um segmento típico de classe média, com maior escolaridade, maior renda, mais leitores, e maior percentual de brancos dentre os religiosos de todas as confissões do país. Enfim, se, como dizia Augusto Comte, os vivos são cada vez mais, necessariamente, governados pelos mortos, eis uma leitura mais que relevante.

REFERÊNCIAS

- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Tradução Maria Luiza Guarnieri Atik *et al.* Maceió: EDUFAL, 2009.
- CAVALCANTI, Maria L. V. de Castro. *O mundo invisível*. Cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. Tradução Julio Abreu Filho. 2ª ed., São Paulo: Editora Pensamento, 2004.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- ISAIA, Artur César. Catolicismo pré-conciliar e religiões mediúnicas no Brasil: da demonização ao saber médico-psiquiátrico In: MANOEL, Ivan Ap.; FREITAS, Nainora M. B. de. (Orgs.) *História das Religiões: Desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*. São Paulo: Paulinas, 2006, p.135-157.
- SANTOS, José Luiz dos. *Espiritismo: uma religião brasileira*. 2ª ed., São Paulo: Moderna, 1997.